

DE UMA PASTA DE VELHOS RECORTES

MENTALIDADE DO PAULISTA SETECENTISTA

Aluísio de ALMEIDA¹

A psicologia coletiva é função das condições econômicas, jurídicas e políticas em que vivem os homens de um grupo. Ajuntaríamos condições culturais e até mesmo o fator biológico dos indivíduos. Herança conservada e modificada pela educação. E nem deve faltar a influência do meio físico.

O paulista dos setecentos herdou o caráter do paulista do século anterior, esculpido a golpes de facão do mato pela epopéia bandeirante. E modificou-o vagarosamente sem escurecer a face do que recebera, justamente no período de pouco mais de um século, que vai da descoberta dos grandes “placers” auríferos aos pródromos da Independência.

Isto parece a proposição de uma tese a desdobrar-se em provas. Não passa de uma hipótese de trabalho. Haverá coisa mais difícil do que retratar o gênio de um povo? Felizmente quem o faz reflete

1. De Aluísio de Almeida, pseudônimo de uma das grandes figuras do clero paulista, Monsenhor Luís Castanho de Almeida (1904-1981) já nos ocupamos na seção “Vultos da historiografia brasileira” do nº 102, desta publicação, correspondente ao segundo trimestre de 1981. Salientamos, então, que “com o mesmo zelo com que se consagrou ao ministério religioso, dedicou-se a pesquisas históricas e folclóricas, o que lhe propiciou escrever valiosas obras sobre a história paulista, especialmente de sua região natal, o Sul do Estado”. E de sua vasta produção destacamos particularmente uma biografia do Padre Feijó e o mais completo estudo até hoje elaborado sobre a Revolução Liberal de 1842 em São Paulo. Os últimos anos de sua vida foram dedicados a um dos mais importantes temas da história paulista: o tropeirismo e as famosas “feiras de Sorocaba”. Dele disse Hélio Damante ser o historiador por excelência do povo paulista. O artigo que aqui se transcreveu foi publicado em “*O Estado de S. Paulo*”, de 25 de março de 1972. (N. da R.)

apenas as opiniões de observadores leigos sem pretensões científicas. Nem por isso desmerecendo anotações, pois o bom senso e a lógica natural, quando não a própria evidência, é quem geram essas definições generalizadas sobre a mentalidade de um povo ou nação. Por exemplo, o fidalguismo quixotesco dos espanhóis.

E aqui entramos no que nos toca de perto. Entre outros o grande trabalhador e espírito lúcido que foi Afonso de Taunay, afirmou, mais de uma vez, terem os paulistas (de todos os séculos, aliás) herdado essa qualidade dos troncos castelhanos que enriqueceram a nossa genealogia: Riquelme, Contreras, Ponce de Leon, Gusmão, Camargo, Zunega, Toledo, Lara, Bueno, Rendon etc.

As anedotas, acontecidas ou não, descrevem, às vezes, em rápida síntese, o caráter de seus personagens. Seria seiscentista a historieta do paulista que levou ao Rei um cacho de bananas de ouro, e, perguntado que recompensa desejava, retrucou: “eu venho dar e não receber”. Ânimo grandioso que ressurgiu entre os fazendeiros de café. Aí por 1922 corria esta anedota: Um mineiro ia tomar o trem para o Rio de Janeiro e não o perdeu, de jeito nenhum. Um paulista chegou uns minutos atrasado. Dirigiu-se ao chefe da estação e falou alto: “mande aprontar um especial para o Rio de Janeiro”.

Entre esses dois extremos, o homem do século XVIII não mudou: por exemplo, foi traído em Minas mas voltou a São Paulo (1709) e arranjou um ricaço, Amador Bueno da Veiga, justamente trineto de sevilhanos, pôs-se debaixo de suas ordens e lá foi defender seu pundonor, sua honra ultrajada pelos Emboabas.

MARCAS NO ROSTO

Vamos por partes: nessa herança cavalheiresca acrescida pela educação e pela glória das bandeiras – que a tradição oral transmitiu e jamais foi esquecida – notam-se vários aspectos, a grandiosidade ostentosa, a liberalidade consigo e com os outros, o desapego ao dinheiro (depois dos maiores sacrifícios para o ganhar), o patriotismo representado pela afeto ao Rei – encarnação da pátria luso-brasileira – e pela honra coletiva da pátria particular paulista, a valentia e coragem dos outros que venceram o sertão.

Sobre a liberalidade o Códice Costa Manso, miscelânea de informações setecentistas, conta uma anedota de 1702. José de Camargo Pimentel presidia com um sócio a lavagem do ouro pelos escravos de ambos. Das batéias o metal passava à bacia entre ambos. E ia subindo. Chegou uma mendiga. O Camargo afundou a manopla nos grãos dourados e botou nas mãos ou no vestido da pedinchona. O sócio gritou: olhai lá que isso é nosso! – É verdade, esqueci a vossa parte. E despejou no colo da felizarda outra manopla.

O episódio passou com o título de liberalidade camarguesa. O mesmo Códice, ao contar as lutas contra os Emboabas, refere que os paulistas davam a mão a muitos portugueses recém-vindos e que depois não foram gratos. Isso de ajudar outros a subirem, melhorando o seu “status” social, é enconradiço ainda neste nosso utilitário século XX, entre famílias antigas.

A ostentação (nem sempre boa qualidade) é bem própria de fidalgos que se prezam. Por que é que o rico potentado do Caaguaçu (perto da atual Avenida Paulista), pouco antes de 1709 entabou negociações com herdeiros de Pero Lopes de Sousa, aliás intrusos na capitania de Martin Afonso, para comprar por 40.000 cruzados a Capitania de São Vicente? Esse milionário, capitão-mor José de Góis e Moraes, não ia lucrar grandes juros no empate de tão grande capital. Restava ao donatário pouca renda: nomeação de escrivães militares, doação de sesmarias mediante selos ou módica taxa, e pouco mais.

Três ou mais enormes latifúndios já eram seus nos Campos Gerais além de Itararé. Tinha mineração. Escravaria. A sua casa grande como um palácio, melhor do que o sobradão que Dom Simão de Toledo Piza iria alugar para os governadores. De fato, o Magnânimo Dom João V não gostou de encontrar na América um rival. Com a serra de Paranapiacaba de permeio! E o ânimo independente dos Paulistas! Comprou a suposta capitania de São Vicente. A verdadeira, e muito maior sediada na modesta Itanhaem e por isso chamada capitania da Conceição, uns dizem que Pombal adquiriu mais tarde. Benedito Calixto dá a lista dos loco-tenetes dos donatários até o século XIX, mas o certo é que tudo se tornou São Paulo, já em 1680, feita capital São Vicente.

Este José de Góis e Morais morreu em 1763. Ainda se dignou ser Juiz Ordinário e Vereador, mas faltava às sessões quando havia boatos de bexigas, coisa que apavorava todo paulista, por amor das marcas deixadas no rosto.²

Talvez ao intento de Góis e Morais não estivesse ausente a idéia do lucro com a possível multiplicação de autoridades, sesmarias, propinas, etc., em todas as minas descobertas e por descobrir. Pois a epopéia anterior era, antes de tudo, em ciclo econômico, embora somente realizável por vultos homéricos.

VALENTIA PAULISTA

E valentes. Os paulistas dos setecentos, mesmo na aparente e discutida derrota da guerra contra os Emboabas. Valentes (Pascoal Moreira, Antunes Maciel, Sutil, Bartolomeu Bueno) nos descobrimento de Mato Grosso e Goiás, valentes na utilização da estrada do sul aberta em 1733, valentes nas expedições militares contra os castelhanos, nas viagens ao cemitério de Iguatemi.

Aqui deixamos o aspecto cavalheiresco e espanholista. Qualquer nação pode ser valente. Um paulista valente, o Padre Feijó, dizia no Senado que a coragem não consistia em não ter medo, mas em vencer o medo. E quanto medo não venceu aquela gente! A Legião de São Paulo – setecentista – muito deu a celebrada valentia gaúcha, pelo sangue e pelo exemplo.

Um adjetivo mais próprio seria “valoroso”. Empregou-o governador Conde de Sarzedas relatando ao Rei a expedição contra os paiaguás, 1733-1734. Gabriel Antunes Maciel era “um paulista valoroso”. Sujeito corajudo, diriam hoje. Valentão é pejorativo de valente, valente fora da conta, por vaidade.

Os “Relatos Sertanistas” contam, pela letra de um reinol instruído, a valentia dos paulistas entrando, mesmo a pé, com o seu

2. As bexigas ainda alcançaram a primeira década deste século. O serviço Sanitário fundou em 1892 uma seção de vacinas, sob a direção de Arnaldo de Carvalho. Emílio Ribas entra na glória desse Serviço Sanitário até 1913. Um deputado apresentou um projeto dando-lhe um prêmio em dinheiro. Ele recusou. Paulista valeparaibano dava, não recebia. O herói que se submeteu em fins de 1902 à mordida do mosquito “*Stegomya fasciata*” era modesto como um paulista antigo e fidalgo. O dinheiro não era o seu forte.

séquito de bastardos e escravos, os arraiais mineiros. Mas um mesmo valente pode degenerar em valentão.

Sinônimo de valentão ou quase sinônimo, é matador. Havia paulistas matadores, geralmente escravos, índios agregados ao patriarcalismo da época. E nobres ou senhores degenerados. Sobre o caso célebre dos Irmãos Leme, ainda não se fez luz completa, pois os acusadores queriam apossar-se do seu ouro. Em suma exageravam a sua malvadez e Pedro Taques se enganou em muitos fatos que soube por tradição.

Matavam também por um falso sentimento de honra e, então, chegavam à crueldade de sacrificar o próprio sangue a essa Astarté de piores bofes ou ventre. O caso de Oliveira Leitão, que matou o filho por mera suspeita, ou fossem em São Paulo, no relato de Pedro Taques, ou em Pitangui, segundo apurou Feu de Carvalho, é horroroso, tanto quanto a matança do casal inocente que originou outras mortes entre Pires e Camargos. Aqui entram as considerações de educação, tempo e ambiente e até, quem sabe, a garoa soturna e melancólica. Serafim Leite descobriu várias mediações dos jesuítas do Colégio para pacificar os valentes.

No “Diário de Viagem” de Teotônio José Juzarte a Iguatemi há um episódio sobre o tal pundonor, desenrolado entre o comum povo, sem fumaças de didalguia, em 1771. Antes de partir a expedição de quase oitocentas pessoas, no porto de Araritaguaba, do outro lado onde não havia aquela casa que aparece no quarto de Almeida Júnior, um moça deu à luz à vista de todos, assistida por uma bastarda (espécie de mucama meio índia) e pela mãe. Juzarte precisou guardar a pobre moça com sentinela à vista, inclusive depois na canoa, porque o pai e os irmãos queriam matá-la. A ela, à mãe e à bastarda, que talvez fosse a alcoviteira.

DE POUCA FALA

Um tipo comum de paulista era o excessivamente introvertido. Mais ou menos introvertidos foram todos os de serra acima, em razão do meio físico, enquanto os praianos, mais expansivos, extrovertidos. O mesmo Juzarte já na altura de Curuca (Tietê) encontrou no pouso um homem daqueles muitos, atacados pela terrível “corrução”, que se isolara, não pedia comida, ai ficar para morrer só. Chama-o de

acanhado. O tipo chegou a nossos dias. A pessoa fica misantropa, foge de gente, tem vergonha, é caipira. Outro, sem serem acanhados, preferem a solidão, mudam-se para longe dos parentes. Resultado do temperamento, sim, e também dos genes de avós que passaram a vida na solidão da selva. O paulista Lacerda e Almeida menciona em seu Diário “o homem só”, o último habitante, por 1780, do Tietê abaixo. E que se surtia de alguma coisa dos viandantes e da própria roçada. O caipira – conservador de costumes e frases antigas – afirma: Fulano sofre “balanconia”.

Esse isolamento ocasiona o “paulista desconfiado”, tipo muito comum. Muitos se gloriavam: sou paulista desconfiado. A palavra inclui o sentido do homem de pouca fala com os desconhecidos. Custa a abrir-se. Paulista é teimoso, herança bem portuguesa, e, como Feijó, homem de um só parecer, de antes quebrar do que torcer, na velha referência de Sá de Miranda aos lusitanos. Daí o guardar as ofensas, é durão, como se diz atualmente. Por bem, dá a camisa do corpo, aplicando a liberalidade.

Por mal, nem um tostão. Feijó e Martim Francisco, ambos setecentistas de nascimento, brigaram. O segundo manda pedir paz ao segundo. Diga-lhe que comigo é uma vez só.

E assim chegamos aos Andradas. A leitura de suas cartas, expansões íntimas a Menezes Drummond, convencem-nos de que não tanto cultivavam o falado “orgulho andradino”, quanto, simplesmente, o caráter bem paulista dos antigos “potentados em arcos”, chamados no setecentismo “poderosos”, acostumados ao mando e conscios de seu imenso valor. Eram muito francos. O paulista antigo não falava mal dos ausentes, diz o que precisa dizer cara a cara, não enfeita o triste advérbio negativo com perífrases inúteis e, nisto, é cem por cento português da velha cepa.

Por fim, a independência dos paulistas recebe a consagração de vários textos amigos e inimigos, fruto do gênero de vida tão diverso do de outros brasileiros, até florescer na lenda européia da república dos Paulistas Desesperados.